

O Espaço das Reportagens no Webjornalismo: o Caso Eliane Brum e o Jornalismo Literário¹

Camila COSTA²

Alfeu Sparemberger³

Resumo

Levantar o questionamento a respeito da criação de reportagens com características do jornalismo literário no webjornalismo é um dos principais pontos do presente artigo. A análise do conteúdo de duas reportagens da jornalista Eliane Brum complementa as reflexões por apontar que é possível, sim, produzir reportagens na web, como já vem sendo feito. O artigo questiona ainda se a sobrevivência das reportagens vem sendo um assunto de interesse coletivo no meio jornalístico, pois a falta de pesquisas deixa o futuro em aberto.

Palavras chaves: webjornalismo; reportagem; jornalismo literário; Eliane Brum

1. Introdução

O avanço tecnológico criou uma nova forma de fazer jornalismo. O webjornalismo surgiu da necessidade de se produzir diretamente para o meio digital, afinal, o jornalismo não poderia ficar parado no tempo. Em meio a essas evoluções surgem questões que estavam esquecidas. Este trabalho levantará a discussão sobre a presença das reportagens que se utilizam das características do jornalismo literário na internet. Ainda há espaço para o bom jornalismo? Ou o espaço agora é tão digital que a palavra virou mero apoio no texto hipermidiático?

Aqui será importante observar a análise realizada a partir de reportagens publicadas na internet da jornalista Eliane Brum. Sendo a segunda jornalista mais premiada do país, ela experimentou a transição entre o impresso e o digital. Produz, atualmente, suas reportagens diretamente para a web na maioria das vezes, e acabou se transformando em um fenômeno nas redes sociais instigando debates sobre temas relevantes na sociedade, mesmo adotando uma linguagem que se assemelha à literária e

¹ Trabalho apresentado no Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas em 2014, e-mail: camilacostaf@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Letras da UFPel, e-mail: alfeu.sparemberger@terra.com.br

com textos que fogem do objetivo, sendo por muitas vezes considerados longos para o webjornalismo.

O jornalismo literário se mostra presente aqui por fazer parte da produção de Eliane Brum. Além disso, é um dos gêneros jornalísticos mais usual na produção de reportagens que rompem com as barreiras do *lead* e exigem mais criatividade dos repórteres.

A necessidade desse estudo se dá principalmente pela sua falta de referencial teórico. É preciso pensar a respeito do futuro das reportagens, mas quem o está fazendo? A intenção é não apenas levantar o debate, mas também apresentar modelos, como o de Eliane Brum, que vem dando certo na web. Em 2013, em uma entrevista para o portal *Comunique-se*⁴, a jornalista deu sua própria visão sobre os textos longos na internet:

É um grande equívoco acreditar que a internet só foi feita para notícias curtas. A suposição de que o leitor não gosta ou não tem tempo para ler textos longos é um outro equívoco que a internet ajudou a desfazer. Grandes reportagens têm sido publicadas na internet. A Agência Pública é um exemplo de novas alternativas de financiamento e de compartilhamento de reportagens. Pela primeira vez é possível publicar artigos, entrevistas e reportagens com o tamanho que precisam ter, sem que isso represente custo adicional (BRUM, Eliane. 2013).

2. Eliane Brum: Alma e Espírito de Repórter

Nascida em março de 1966, no interior do Rio Grande do Sul, em Ijuí, Eliane é jornalista, escritora e também documentarista. Publicou os livros “Coluna Prestes - O Avesso da lenda” (Artes e Ofícios, 1994), “A vida que ninguém vê (Arquipélago Editorial, Prêmio Jabuti 2007)”, *O olho da rua* (Globo, 2008), *Uma Duas* (LeYa, 2011) e *A Menina Quebrada* (Arquipélago Editorial, 2013). Entre crônicas, livros-reportagem e um romance, a jornalista viu crescer em si o desejo de viver com as palavras desde criança, chegando a afirmar mais de uma vez que aprender a ler salvou a sua vida.

Eliane graduou-se em jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre. Iniciou a carreira profissional com um estágio no jornal *Zero Hora*, onde trabalhou por 11 anos. Após, migrou para a revista

⁴ Disponível em < <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/10-gente-que-se-comunica-/71194-eliane-brum-o-bom-jornalismo-se-aplica-a-tudo-o-que-e-da-vida.html>>

Época, em São Paulo, e atuou como repórter especial por dez anos. Desde 2010 abandonou o emprego fixo na Época, mantendo apenas sua coluna semanal no site da revista. Passou a se dedicar a projetos pessoais, como o romance *Uma Duas*, mas não abandonou a reportagem. Recentemente, Eliane passou a integrar o grupo de colunistas online do jornal *El País* no Brasil. Ao todo, ela já faturou mais de 40 prêmios de reportagem pelo mundo, alguns renomados, como *Esso*, *Vladimir Herzog*, *Rei da Espanha* e *Troféu Internacional de Imprensa ONU*.

Como documentarista, é codiretora em duas produções brasileiras: *Uma história Severina* (2005) e *Gretchen Filme Estrada* (2010). O primeiro curta-metragem já conquistou mais de 20 prêmios nacionais e internacionais.

Embora tenha um estilo próprio, bem definido e premiado, Eliane Brum faz uso de técnicas e ferramentas básicas do jornalismo para iniciar a construção de suas reportagens. Em entrevista ao programa *Entrevista Coletiva*, da TVPUC, ela afirmou que se utiliza de duas técnicas de apuração: ser fiel às palavras dos entrevistados e ser fiel a tudo aquilo que está acontecendo em volta. Já no programa “*Provocações*”⁵, ela diz que “um bom repórter precisa de dois instrumentos”: o olhar e a escuta. Segundo Eliane, estar atento ao que o personagem central da reportagem não diz, também faz a diferença. É saber escutar os silêncios, pois ela crê que a grande reportagem surge “quando o repórter é surpreendido”.

Para defender sua visão, é possível apoiar-se em Pena (2008), que mostra quão presentes são as técnicas comuns, aprendidas em quaisquer manuais de redação, no dia a dia de quem faz jornalismo literário – ainda que inconscientemente.

O jornalismo literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. (...) os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2008, p. 13 e 14).

Ser repórter é como uma religião para Eliane. De acordo com suas próprias palavras, “se não fosse para me emocionar, não sairia de casa”, por isso permite se transformar pelas reportagens. Para ela, é fundamental ir às ruas e apurar cada detalhe, utilizando-se o mínimo possível do contato pelo telefone. Os detalhes dão, segundo ela

⁵ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=0T3VqVYpQkQ>>

em entrevistas, credibilidade à informação: “não é ser lírica, é apurar para fazer bom jornalismo, ter respeito, pois não se tem o direito de reduzir uma realidade”. É assim, a partir da busca incansável por detalhes na apuração, que a jornalista aproxima o seu estilo ao *new journalism*, e apresenta ainda fortes influências do jornalismo gonzo, seguindo os conceitos de Pena (2008).

Mesmo com um livro – *Coluna Prestes: o avesso da lenda* – onde prova tamanha adequação ao *new journalism* e ao jornalismo gonzo, sub-gêneros do jornalismo literário (PENA, 2008), Eliane não é tão adepta ao termo, visto que já o declarou controverso:

(...) receio que a classificação de “jornalismo literário” possa levar a distorções. Por um lado, acho curiosa a necessidade de atribuir ao texto jornalístico qualidades “literárias”, como se, ao deparar com um bom texto jornalístico, fosse preciso promovê-lo a algo mais elevado. Por outro, ao classificarmos um texto como literário podemos induzir à interpretação de que os detalhes da narrativa são ficcionais – resultado da imaginação e não de uma apuração exaustiva. Ou seja, me parece que ao colar o adjetivo “literário”, de um ou de outro modo, enfraquecemos o conteúdo do substantivo “jornalismo”. Em resumo: acho que é um dos muitos casos em que o adjetivo não acrescenta, só reduz (Brum, Eliane. 2006b).

Voltar ao passado relembando os trabalhos da jornalista é importante para pensar no futuro em qualquer reflexão sobre a obra de Eliane Brum, o jornalismo literário, as reportagens e os meios digitais. Repetitiva em entrevistas que cede pelo país, ela faz questão de lembrar que, embora muito longos para a internet, seus textos possuem recordes, com até mais de 200 mil acessos e compartilhamento em redes sociais.

Cautelosa, ela afirma nas entrevistas analisadas durante este trabalho que “a tecnologia ajuda, mas jornalismo se faz nas ruas”. A internet é vista por ela como um “multiplicador de narradores”, pois dá a possibilidade de um determinado assunto chegar a muito mais pessoas, fortalecendo a reportagem. Ao traçar uma comparação entre o antes e o depois da internet, ela defende que no “pré internet” a imprensa contava somente a história de quem tem dinheiro ou fez algo marcante, inusitado. Atualmente, no “pós internet”, as pessoas comuns começaram a ter também o seu espaço e a sua história contada, principalmente nas periferias do país. Ela vê a internet

como a grande chance de as pessoas lerem textos realmente longos, como os seus: “se o leitor se identifica, ele lê, não importa o tamanho”.

Nas redes sociais a jornalista tem sucesso. No seu perfil oficial no Twitter são 37.900 seguidores. Já na página do Facebook, criada e controlada por admiradores desde setembro de 2011, são 31.678 curtidas. Na página são compartilhados todos os trabalhos de Eliane que estão pela internet. Alguns textos chegam a ter 600 curtidas ou compartilhamentos, ainda que sejam extensos.

O seu mais recente trabalho é para o site do jornal Folha de São Paulo, onde trabalhou como repórter especial na cobertura jornalística da Copa do Mundo no Brasil, sendo encarregada de acompanhar o roteiro da seleção brasileira visitando as mesmas cidades dos jogos, mas buscando histórias que ultrapassam as quatro linhas. Seguiu o seu trabalho da mesma forma que em todos os outros veículos onde trabalhou, contando sempre histórias que fogem da obviedade e com uma linguagem próxima à poesia, com o olhar atento a tudo o que os seus entrevistados não falam, mas ela sente e percebe.

3. Webjornalismo

3.1 A Evolução da Notícia

Foi-se o tempo da máquina de escrever e da informação meramente no papel impresso. A informação, agora, conhece novos meios com uma velocidade quase inimaginável em outras épocas. A internet é quem dita as regras. Embora em seus primórdios tenha sido criada como um grande banco de dados, a internet regula hoje não apenas as relações sociais, mas também a velocidade com os fatos se revelam ao mundo, além da sua linguagem e dimensão.

O chamado "jornalismo online" não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalisismos escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio. Mas o jornalismo na web pode ser muito mais do que o actual jornalismo online. Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o webjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a internet oferece, oferecendo um produto completamente novo: a webnotícia (CANAVILHAS, s/d).

Neste trabalho o jornalismo online não entra em debate. Suas fases e modelos ficam em segundo plano, mas não se ignora a sua importância para que hoje se tenha

chegado a um jornalismo especificamente produzido na web. Interessa saber que o que está sendo discutido é o jornalismo online após sua terceira geração, onde as notícias começam a ser produzidas especialmente para a web.

As notícias, após o surgimento do webjornalismo, ganharam uma nova perspectiva. Como salienta Dalmonte (2009), não é mais apenas o texto e a fotografia que conversam com o leitor. O som, os vídeos, infográficos, hiperlinks: uma nova linguagem surge para modificar a interação com o receptor. Mas para essa linguagem foram necessárias adaptações, já que a internet conjuga todos os meios em uma só plataforma.

Contrária à lógica de uma “diáspora” comunicacional, promovida por realidades estanques, que podem ser apropriadas a partir do impresso, do áudio e do vídeo, a rede possibilita a coabitação de todas as modalidades de comunicação num mesmo espaço (DALMONTE, s/d. p. 120).

Dalmonte (2009) recorda que o webjornalismo não rompe com outras modalidades ou características do jornalismo, apenas renova-se, visto que em suas fases iniciais apenas reproduzia-se digitalmente aquilo que era publicado no jornal impresso.

A breve história do Webjornalismo tem sua origem numa fase anterior, que prepara as bases para a passagem do impresso para a Web, tendo no processo de informatização das redações o primeiro passo. Desde esse momento, de forma sucessiva, o jornalismo vem passando por transformações que, na fase atual, dão indicativos quanto à consolidação de características próprias (DALMONTE, s/d, p. 121).

Assim como Mielniczuk (s/d) aborda em seus estudos, este trabalho adota as seguintes características do webjornalismo:

- 1) Hipertextualidade: Funciona como dispositivo para a organização e formatação das informações em um webjornal (MIELNICZUK, 2003). É um dos elementos de ruptura, pois apresenta uma possibilidade nova dentro da narrativa com os links que levam o leitor a outros dados de uma mesma notícia;
- 2) Multimídia: a nova linguagem não chega ao leitor somente em forma de textos. Na web ela toma forma através de vídeos, áudios, fotos e outras opções. Torna-se multimídia, múltipla. Explora as vantagens da web uma vez que agrega novos elementos em uma matéria;

- 3) **Interatividade:** a interação na web pode acontecer tanto do leitor com o próprio texto quanto do leitor com outros leitores. No caso do próprio texto refere-se às hipóteses apresentadas pelos hiperlinks e a multimídia. Já com os outros leitores faz referência a, por exemplo, chats e fóruns de debate. Dentro das próprias matérias os leitores ainda podem realizar as duas interações, “conversando” com o texto e também tendo acesso a comentários de outros leitores;
- 4) **Personalização:** aproxima o leitor do conteúdo que está acompanhando na web. Atualmente, é possível selecionar exatamente quais tipos de assuntos interessam para ter acesso e até recebê-los diretamente em seu endereço de e-mail;
- 5) **Memória:** a web atua como um grande banco de dados. Os arquivos que eram guardados pelos jornais impressos hoje se encontram no meio digital;
- 6) **Atualização contínua:** diz respeito da possibilidade de atualizar constantemente uma notícia veiculada na internet, seja com novidades sobre o assunto, fotos ou vídeos.

3.2 Reportagem: o Novo Mundo Digital

Durante muito tempo as matérias no jornalismo limitavam-se ao superficial. Conforme ressalta Lage (2008), “foi necessário mudar progressivamente o estilo das matérias que os jornais publicavam”. Mesmo com o avanço obtido ao longo dos anos com mais periodicidade das publicações, as reportagens ainda não ganhavam o lugar do jornalismo direto e objetivo.

Foi preciso paciência para surgirem os primeiros repórteres e, conseqüentemente, as reportagens, com a necessidade da população de saber o que estava, de fato, acontecendo, principalmente nas guerras do século XIX. A partir da demanda social os jornalistas começaram a se especializar em narrar os fatos e desenvolvê-los com menos sensacionalismo e mais realidades.

A era digital trouxe ainda mais mudanças. Após sua consolidação no meio impresso, as reportagens precisam agora se reformular outra vez. Fugir do *lead*, trabalhar os fatos com mais precisão e aprofundar os assuntos continua sendo um

desafio para os jornalistas. A tarefa para o futuro parece ser sair do óbvio, levar para a web aquilo que muitos jornalistas se especializaram pelo Brasil: as grandes reportagens.

Embora possua poucas referências bibliográficas, o tema começa a ser discutido por alguns pesquisadores pouco a pouco. Junior & Alves (2010) tocam no assunto apostando na ideia para os próximos anos e apontam a necessidade de o webjornalismo voltar o seu olhar para essa especialidade.

(...) Entretanto, se aquilo que vem sendo chamado de hipermídia permite uma combinatória maior de objetos – texto, imagina, mapas, som, etc –, com efeitos interessantes na diversificação do material narrativo, o resultado não são necessariamente narrativas originais, ou mais elaboradas, embora às vezes mais engenhosas do ponto de vista sintático, o que remete apenas à combinação de elementos (JUNIOR & ALVES, 2010, p. 73).

Para os autores, esse fenômeno da falta de narrativas originais está associado justamente à ausência de reportagens na web, e contrariam autores que defendem o modelo de pirâmide invertida e um texto curto para a web.

O que deve ocorrer é o investimento maior na reportagem, com a possibilidade de um texto que esteja em conexão com imagens e sons e que também possa estar ligado a outros documentos, formando um hipertexto e não somente sendo apresentado como uma notícia isolada (JUNIOR & ALVES, 2010, p. 73).

Os autores propõe o modelo de mônada aberta, que atenderia, de outra forma, principalmente à elaboração de reportagens colocadas no ambiente da internet (JUNIOR & ALVES, 2010). A grande ideia, segundo eles, é coligar matérias que tratem de um único tema, ligadas umas às outras por meio de links, formando uma grande reportagem. Embora citem o modelo, advertem que é preciso buscar outras alternativas para a produção de reportagens na web: “O modelo mônada aberta é uma tentativa de abertura desse processo engessado de se produzir material jornalístico para a web. No entanto, não é – e nem deve ser – o único” (JUNIOR & ALVES, 2010).

Recentemente, um grupo de brasileiros criou o site www.indiejournalism.com, que parece ser uma dessas alternativas. O endereço ainda em construção é definido por eles como “uma rede global e independente de repórteres, fotógrafos, documentaristas e outros produtores de conteúdo jornalístico que se prepara para apresentar (...) uma experiência inovadora de leitura e de produção de reportagens especiais, profundas e multimídia”.

Em uma entrevista para o site do Centro Knight de jornalismo da Universidade do Texas, os idealizadores do site *Indie Journalism* afirmaram terem percebido a urgência de empresas que se dediquem a esse tipo de trabalho no jornalismo. Reconheceram também a chance de lucros, pois dizem acreditar que há tanto profissionais capacitados para a produção de grandes reportagens quanto pessoas interessadas em pagar por isso.

3.3. O literário e os Fatos

Considerando-se que o jornalismo adquiriu uma forma e denominação, de fato, após ganhar “periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade”, ele passa a ter características de “jornalismo moderno”, como afirma Pena (2008), pois tais características, aliadas à escrita, acabaram consolidando sua importância na sociedade. Com essa consolidação, surge outra necessidade: a de divisão em gêneros. E foi, então, a partir de uma série de divisões cronológicas e tipológicas que surgiu o jornalismo literário.

O primeiro tipo de jornal que se tem registro era mais conhecido como folhetim. Segundo Pena (2008), era “um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura”. Famosos no final do século XIX e originado na França com o termo “feuilleton”, ele tinha características literárias e era marcado pelas narrativas como forma de contar os acontecimentos.

(...) a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular, principalmente na França e Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante (PENA, 2008, p. 29).

O autor declara que a missão de dividir gêneros específicos é quase impossível, mas propõe uma “aproximação conceitual”, como, por exemplo, com o jornalismo e a literatura, que, historicamente, acabaram encontrando-se em muitos momentos. Ele admite que o termo “jornalismo literário” dá margem a diferentes interpretações, como afirma Eliane Brum, mas logo adiante faz sua própria definição, onde trata da confusão entre o real e a ficção:

(...) defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (PENA, 2008, p. 21).

A narrativa é uma maneira de dar um tom à reportagem ou à matéria, de situar o leitor no tempo. A descrição, que torna o texto mais longo, acabou perdendo visibilidade no jornal diário, principalmente pela falta de espaço e interesse capitalista. Porém, no jornalismo literário ela segue viva, dando mais veracidade ainda aos fatos com o detalhamento da cena e dos seus envolvidos, criando mais vínculo com quem o lê, por isso Olinto (2008) reforça que são necessários tais recursos – narrativa e descrição – para o jornalista.

A descrição está ligada ao espaço. A narrativa decorre no tempo. O estilo de quem escreve procura situar os objetos, as pessoas, os acontecimentos, num determinado lugar. (...) A pura descrição tem, em geral, um tom de alheamento, uma espécie de neutralidade, muito comum em certas reportagens de jornal (OLINTO, 2008, p. 38 e 39).

Pena (2008) defende o gênero aqui tratado através de características muito próprias, sendo uma de suas principais funções a ruptura do famoso *lead*, considerado como a forma mais objetiva de se responder às cinco perguntas do jornalismo: “o quê?”, “quando?”, “onde?”, “quem?”, “por quê?”. Para ele, é justamente dessa objetividade que o jornalismo literário deve fugir.

O autor estabelece o que chama de “estrela de sete pontas”. Elas formam um conjunto harmônico e retoricamente místico (PENA, 2008). As sete pontas são: 1) potencializar os recursos do jornalismo; 2) ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; 3) proporcionar visões amplas da realidade; 4) exercer plenamente a cidadania; 5) romper as correntes burocráticas do *lead*; 6) evitar os definidores primários; 7) garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Desmembrando cada item da estrela, o autor esclarece elementos importantes do jornalismo literário. Procura desvincula-lo do jornalismo diário, aquele que sofre cada vez mais com o *deadline* e com a velocidade das informações, levar o próprio repórter

para um lado mais humano, deixando claro seu compromisso de contribuir com a sociedade, e exalta a criatividade e as técnicas literárias de narrativas, que fogem do óbvio.

Olinto (2008) cita muito a transitoriedade das matérias dos jornais diários, chegando a chama-lo de “pedaço de papel, com folhas soltas, que é substituído, no dia seguinte, por outro pedaço de papel mais atualizado”.

O fato de ele ser impresso da maneira por que o é, surgiu da necessidade de rapidez entre a notícia recebida e a sua divulgação em forma escrita. O desenvolvimento industrial do mundo, a invenção das máquinas, linotipos, teletipos, rotativas, tudo isso obedeceu ao desejo de pressa, à necessidade de um ajustamento material entre uma organização que produz e o objeto a ser por ela produzido. (...) No caso do jornal, é preciso que a transitoriedade do corpo não atinja a desejada solidez do sentido. Eu diria até que o jornal é exatamente uma contínua luta pela fixação de realidade, uma tentativa de captar, nos acontecimentos cotidianos, algumas verdades particulares e permanentes da vida do homem. (OLINTO, 2008, p. 16 e 17).

4. Procedimentos Metodológicos

O trabalho em questão se propõe a realizar uma análise do conteúdo de duas reportagens da jornalista Eliane Brum publicadas na internet. A partir da coleta das reportagens serão analisadas as características de cada texto em particular e também uma breve comparação entre ambos. Elas foram selecionadas após a leitura de diversas reportagens da jornalista disponíveis na internet.

A primeira reportagem é intitulada *Minhas raízes são aéreas*⁶ e foi publicada no site da revista Época, em 25 de abril de 2011. Ela trata sobre a organização Médico Sem Fronteiras, de profissionais da área de saúde que trabalham como voluntários em regiões de conflito ou condições de vida comprometidas, e conta a história da psicóloga Débora Noal na organização. Já a segunda, *Fortaleza no pé: Garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua*⁷, publicada no site do jornal Folha de São Paulo, no dia 17 de junho de 2014, relata a história de Vinicius Marcos Pinheiro Ferreira, morador de rua em uma favela de Fortaleza, onde a seleção brasileira disputou um dos seus jogos.

⁶ Disponível no link <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI228050-15230,00-MINHAS+RAIZES+SAO+AEREAS.html>

⁷ Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1471524-vinicius-atleta-da-selecao-de-meninos-de-rua-salta-para-escapar-da-morte.shtml> >

As escolhas das reportagens tiveram como um dos critérios o tamanho do texto. O primeiro é visível muito mais longo, enquanto o segundo tem parágrafos mais curtos, embora não seja curto. A presença de links também foi observada. A data de publicação foi mais um dos critérios de seleção, pois gera conclusões, mesmo que não definitivas, sobre a evolução do webjornalismo. Os textos foram escolhidos ainda pela utilização ou não de imagens, a sua linguagem e a forma como a narrativa decorre, remetendo ao jornalismo literário.

5. Análise

A reportagem *Minhas raízes são aérea*, de 2011, é longa. Intercala dois momentos interessantes: de início uma introdução sobre a história da personagem principal, Débora Noal, e, por fim, a reprodução da entrevista. Ocorre, contudo, que somente a introdução de Eliane tem oito parágrafos, em média com oito linhas. A entrevista tem mais de 60 perguntas. A matéria poderia ocupar todas as páginas da edição diária de um jornal impresso, por exemplo.

A linguagem de Eliane chama atenção. Quando começa narrando a rotina de um dia específico de Débora como se tivesse presenciado tudo aquilo, torna-se uma repórter que adentra os fatos, deixa-se envolver. Como disse Pena (2008), a apuração rigorosa, a observação atenta e uma excelente capacidade de expressão estão entre os princípios básicos do jornalismo, mas, está presente ainda com mais disposição no jornalismo literário.

A leitura dos parágrafos iniciais remete o leitor ao que se refere Pena (2008) ao afirmar que o jornalismo literário incorpora tanto a função de informar quanto de narrar e exemplifica a ruptura com o *lead*. Já a escolha do tema está inserida no que defende Olinto (2008) ao citar que temas como gestos de heroísmo ou humildade, como se pode identificar na história de Débora, são aqueles buscados pelo jornalismo literário.

Ao se inserir na reportagem o uso da primeira pessoa, Eliane demonstra que evita ficar na sua zona de conforto e, novamente, encaixa-se em uma das características defendidas por Pena (2008): proporcionar visões amplas da realidade. Na sua linguagem está clara a união entre literatura e jornalismo:

(...) E Débora me explicou que as cores são a forma encontrada por ela para representar a variedade de cheiros que seu contato com um mundo diverso de humanidades lhe proporciona - um universo olfativo impossível de definir em palavras. Era desse mundo muito mais rico – que Débora alcança e nós não – que eu queria saber (BRUM, 2011 - *Minhas raízes são aéreas.*).

Apesar da linguagem e do texto longo, a reportagem de Eliane não poderia ser publicada em um veículo impresso sem pelo menos sofrer uma radical mudança para se adequar nas páginas que seriam disponibilizadas. Quando a jornalista torna o texto pessoal, essa é uma atitude informal que se torna aceitável na web, onde sua foto ao lado da reportagem aproxima o leitor da profissional de alguma forma, e a possibilidade de comentários logo abaixo dá uma dimensão de se poder conversar com ela a qualquer momento da leitura.

Há três fotos acompanhando a reportagem. Não há links ao longo do texto, mas nas informações sobre a jornalista é possível enviar um e-mail ou acessar diretamente o seu perfil no Twitter. Abaixo do texto há leitores que deixaram comentários elogiando a história.

É interessante perceber que o segundo texto é escrito três anos após o primeiro e acaba sendo muito menor. Contudo, não é possível afirmar se essa observação tem ou não referência à adaptação da jornalista ao conteúdo produzido para a web, apesar de ser uma hipótese. A história de Vinicius em *Fortaleza no pé: Garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua* também remete ao heroísmo: “(...) É um menino pequeno. É um gigante. "Não sei do futuro, só sei do sonho." O sonho expõe a vida inteira”.

Diferentes do parágrafo no primeiro texto, esse apresenta ao leitor parágrafos de até três linhas e uma diagramação muito mais envolvida no meio virtual, visto o tamanho da fonte da letra. Ao longo do texto Eliane parece diminuí-los cada vez mais, sem correr o risco de cansar o leitor.

No meio da reportagem o leitor tem à sua disposição uma galeria de fotos, expondo aqui a multimídia que Mielniczuk cita. Além disso, uma marca do próprio site da Folha de São Paulo é a acessibilidade, uma vez que permite a opção do leitor escutar o texto ao invés de lê-lo, enviá-lo por e-mail, compartilhar, imprimir ou

assinar a página da jornalista para receber material semelhante – excetuando a opção de ouvir o texto, todas as outras também estão presentes no site da revista Época.

Apesar de não haver hiperlinks durante o texto, ao lado dele na página do jornal estão em evidência outros links que debatem o mesmo assunto e o acesso está a apenas um clique: Copa do Mundo. Porém, diferente do site da revista Época, não há nenhuma informação da jornalista além do seu nome junto à reportagem. Dessa vez ela não precisa explicar o contexto da matéria, pois até mesmo a partir do seu banco de dados, ou seja, outras matérias de Eliane sobre o tema, é facilmente compreendido onde está e qual a sua função como repórter na Copa do Mundo.

A narrativa de Eliane mais uma vez é literária e traz a primeira pessoa ao texto logo na primeira frase ao escrever: “Quando pergunto a ele sobre o passado e o futuro, Vinicius Marcos Pinheiro Ferreira diz (...)”. Nos comentários os leitores demonstram sua comoção, chegando a afirmar que choraram com o texto. Na página do facebook de Eliane o texto teve 212 curtidas, 161 compartilhamentos e dez comentários. No twitter gerou mais de 50 interações.

6. Considerações Finais

As reportagens estão vivas. Talvez ainda não mais do que nunca, mas pode ser que em breve vivam períodos mais prósperos. Pelo menos essa sensação positiva é que Eliane Brum consegue deixar nos seus leitores. Embora não seja possível concluir se a própria jornalista modificou seu texto para se adequar ao webjornalismo, vê-se que não abandonou o estilo literário. Pelo contrário: suas narrativas seguem dando vida aos textos.

A iniciativa dos jornalistas brasileiros em criar o *Indie Journalism* é um bom sinal de esperança que muitos profissionais aguardam para verem seus trabalhos mais valorizados. A pouca referência bibliográfica tratando sobre o tema assusta e frustra. Parece que, em um primeiro momento, não há pesquisadores atentos ao que pode acontecer com as reportagens em um tempo onde a corrida pela atualização constante das notícias é considerada mais importante.

Percebe-se que Eliane não abandona seu estilo clássico. Vinda de uma escola onde o papel e a caneta eram os principais amigos do jornalista, ela continua não apenas literária, mas em busca de temáticas que transcendem a pirâmide invertida. Em seus dois textos publicados na web e analisados aqui é possível perceber diferenças, mas que não podem ser apontadas como definitivas, já que há outros trabalhos da jornalista que podem apontar conclusões diferente. De fato, não há um padrão para se construir, mas observações importantes, principalmente no que diz respeito à interatividade com os leitores e a possibilidade de ampliar as discussões levantadas pela repórter.

7. Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. **Qual é a do jornalismo literário?**, Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, p. 7, 28 out. 2006b.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: I Congresso Ibérico de Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=canavilhas-joao-webjornal.html> Acesso em 26 de junho de 2014.

DALMONTE, Edson Fernando. *Pensar o Discurso no Webjornalismo*. Bahia: EDUFBA, 2009.

JÚNIOR, Carlos Pernisa & ALVES, Wedencley. *Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. In: NP 02 – Jornalismo do XXXVII Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33239839420892013900619660266793099419.pdf>> Acesso em: 02 de julho de 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

- Outras fontes consultadas:

Brum, Eliane. *Revista Cult*, 2013. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/%E2%80%99Crescevo-lambuzada-pelo-meu-tempo%E2%80%9D/>

Entrevista Coletiva com Eliane Brum, 2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=iuiWrJ1QcTo>